



Professor emérito da Faculdade de Letras e um dos idealizadores da AdUFRJ, Edwaldo Machado Cafezeiro, o "Café" para os íntimos, chega aos 90 anos como um dos mais queridos mestres da UFRJ.

APROVAÇÃO DO FUNDEB MOSTRA FORÇA DA MOBILIZAÇÃO

Desigualdade na Academia: Elas são maioria. Eles ocupam o poder



AS MULHERES OCUPAM:

57% das vagas de graduação

55% das vagas de mestrado

54% das vagas de doutorado

OS HOMENS RECEBEM:

74% das bolsas de produtividade mais altas

Estudos de professoras da UFABC e UFRGS dissecam a desigualdade de gêneros nas universidades brasileiras e mostram a importância de novos parâmetros para contabilizar a produção acadêmica durante a pandemia. O impacto do isolamento social sobre o trabalho científico de pesquisadoras é substancialmente maior do que entre os homens, segundo pesquisa apresentada em debate organizado pela AdUFRJ durante Festival do Conhecimento. **Página 3**

AdUFRJ REALIZA

1ª ASSEMBLEIA

VIRTUAL DE PROFESSORES

SEGUNDA-FEIRA, 27/07 - 10h

PAUTAS
Informes

Avaliação da
conjuntura

Eleição de
representantes
para o CONAD

EDITORIAL

PARA ONDE VAMOS?

DIRETORIA

Como começar esse editorial? Sim, temos uma vitória, aprovamos o Fundeb, sem espaço para manobras ou recuos. Mas, como caminharemos com o anúncio de que também nessa mesma semana ultrapassamos os 85.000 mortos? Não é possível simplesmente ignorar o desastre nacional agora naturalizado e incorporado ao cotidiano de cada um. E para nosso espanto, começam a circular pesquisas que afirmam ser viável a reeleição do atual presidente. Soa torto e quase inacreditável que isso seja possível depois de todas as crises, denúncias e essa avalanche de mortes evitáveis. Há muito para refletir, avaliar e discutir. Como chegamos até aqui e quais caminhos poderão nos tirar disso?

Voltemos para a nossa vitória da semana: o Fundeb. Uma proposta clara, uma forte e organizada pressão de todas as organizações, todos os sindicatos e movimentos ligados à área da educação. Somada a essa grande mobilização, uma articulação competente e ampla, reunindo parlamentares numa grande frente em defesa da educação. Não foi a nossa primeira vitória, nem isso significa que não tenhamos perdas dramáticas. Temos falado disso desde a nossa eleição: os ventos de maio, mais precisamente do 15 de maio de 2019. É preciso recuperar aquela potente ener-



PROFESSOR, SINDICALIZE-SE! A HORA É DE FORTALECER O SINDICATO

adufjr@adufjr.org.br

AdUFRJ



REPRODUÇÃO

PROFESSOR PAULO CAVALCANTI PRESENTE

■ A diretoria da AdUFRJ manifesta seu pesar pelo falecimento do professor Paulo Cavalcanti Gomes Ferreira. Titular do Instituto de Bioquímica Médica da UFRJ. Paulo cursou a graduação em Agronomia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1982), tornou-se mestre em Genética pela UFRJ (1985) e doutor em Biotecnologia pela Rijksuniversiteit Gent, Bélgica (1994). Era docente da UFRJ há 24 anos e nos deixou no dia 22 de julho. A Sociedade Brasileira de Genética também lamentou a morte do professor. Para Hélio de Mattos Alves, professor da Faculdade de Farmácia, Paulo era um líder e um grande amigo. "Sério e muito competente. Com muita didática, me explicava que os grandes avanços da biologia molecular poderiam salvar a humanidade da fome", disse, em seu perfil no Facebook. "Perdi minhas conversas do café no subsolo do CCS sobre Ciência, Futebol e Política", emocionou-se o docente.

IMAGEM DA SEMANA

MÃES PROTESTAM POR COMIDA

■ Um grupo de mães de alunos da rede municipal de ensino do Rio protestou na porta da Prefeitura, no dia 21. Elas denunciaram a falta de repasses do auxílio-merenda, prometido pelo prefeito Marcelo Crivella no início da pandemia. O valor de R\$100 foi reduzido pela metade, mas a maior parte das famílias ainda não recebeu a quantia.



REPRODUÇÃO



■ O recadastramento anual de servidores aposentados e pensionistas está suspenso até 30 de setembro. A intenção é reduzir o risco de contágio pela Covid-19. A medida não afeta o recebimento dos benefícios.



"A HORA É DE OLHAR PARA FRENTE"

■ O diretor do Museu Nacional, professor Alexander Kellner, foi o convidado do último Tamo Junto, reunião virtual promovida pela AdUFRJ todas as sextas-feiras. "Não podemos esquecer o que aconteceu, mas devemos olhar para frente e fazer com que não aconteça de novo", disse, no encontro do dia 17.

Quando foi eleito diretor, em 2017, Kellner já sabia dos riscos de incêndio no imóvel. "Como primeira medida, entramos em contato com a Defesa Civil para que eles administrassem um curso. Mais de 90 pessoas fizeram esse curso", explicou. "E quando pegou fogo? Justamente quando não tinha ninguém", lembrou. Kellner assumiu a direção em fevereiro de 2018. O Museu pegou fogo em setembro do mesmo ano.

Para ele, um dos pontos complicados da reconstrução é o custo de reparação do imóvel, que aumentou com a pandemia. Felizmente, as negociações já estão sendo feitas. "Temos um novo modelo de governança, com uma proposta muito boa da atual gestão da UFRJ, juntamente com a Fundação Vale e a Unesco", explicou. Segundo Kellner, esse grupo é formado por 10 pessoas, que atuam no projeto com completa transparência. "Não só internamente para a universidade, mas para a sociedade como um todo. Precisamos da sociedade atuando na reconstrução do museu", defendeu.

Num cenário de retomada das atividades, o diretor foi enfático ao defender o caráter educativo da instituição. "O Museu não pode ter como primeira função dar lucro. 'Senão só vamos fazer exposições daquilo que mais trouxe receita e não necessariamente vinculado à mensagem que queremos passar'. (Liz Mota Almeida)

Pandemia: prejuízo acadêmico de pesquisadoras é maior

> Estudo mostra que 70% dos pesquisadores conseguiram manter rotina durante isolamento. Entre as mulheres, o percentual cai para 50%. Homens ocupam 74% das bolsas mais altas do CNPq

LUCAS ABREU
lucas@adufjr.org.br

NÚMEROS

No Brasil, as mulheres ocupam:

57% das vagas de graduação

55% das vagas de mestrado

54% das vagas de doutorado

No estado de São Paulo, a presença de mulheres não chega a

30% na carreira universitária

O CNPq nunca teve uma mulher na presidência

85% de todos os presidentes da Capes eram homens

Em 2017, os homens recebiam

74% das bolsas de produtividade mais altas

da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que também integrou a mesa organizada pela AdUFRJ. Ela criou o *Parent in Science*, em 2016, uma iniciativa para discutir a maternidade dentro da academia. A ideia do grupo veio da experiência pessoal da pesquisadora, que começou a se sentir injustiçada



DEBATE organizado pela AdUFRJ no festival ocorreu no dia 20

no meio científico por ter que dedicar tempo para cuidar dos três filhos. "Toda decisão que eu tinha tomado na minha vida até aquele momento tinha levado em consideração apenas minha vida profissional. Quando decidi ter filhos, o sistema disse 'você não está produzindo como a gente gosta, então a gente não quer mais você aqui'", contou.

Nos meses de abril e maio deste ano, o grupo entrevistou docentes, alunos e alunas de pós-graduação sobre as dificuldades de trabalhar durante o isolamento social. Segundo o levantamento, 70% dos homens estavam conseguindo manter a rotina de trabalho acadêmico durante a pandemia, contra apenas 50% das mulheres. Já do grupo de mulheres com filhos apenas 45% estavam conseguindo produzir, contra 65% dos homens com filhos. Se considerado o recorte racial, apenas 45% das mulheres negras estavam conseguindo trabalhar no período. "Se não fizermos nada, 2020 será o ano em que a desigualdade na Ciência será acentuada porque quem está produzindo, conseguindo cumprir prazos e concorrendo a editais de financiamento e bolsas é um grupo bem específico", disse a pesquisadora.

Para Maria Carlotto, que tam-



NÚMEROS DA PANDEMIA

Durante o isolamento social provocado pela quarentena

70% dos homens estava conseguindo se submeter ao trabalho, contra apenas

50% das mulheres

No grupo de homens e mulheres com filhos,

45% das mulheres conseguiam produzir, contra

65% dos homens

Considerando o recorte racial,

45% das mulheres negras conseguem trabalhar no período

bém é presidente da ADUFA-BC, uma das soluções seria a progressão automática para professores e professoras pelos próximos dois anos. "É impensável a gente seguir avaliando a nossa carreira como se 2020 fosse um ano normal", explicou. Ela também defendeu que 2020 seja considerado uma exceção na avaliação dos pesquisadores para as agências de fomento. "É importante que haja um fator especial que suspenso os efeitos do ano de 2020 sobre a avaliação da Capes, sobre bolsas de produtividade, sobre o credenciamento em programas de pós-graduação. Vamos precisar de um processo de avaliação que leve em consideração o fator humano em 2020", defendeu.

Professora da Universidade Federal do Ceará e vice-presidente da ADUFC, Irenísia Oliveira falou das dificuldades da vida sindical para as mulheres. "Como a mulher não é estimulada a ocupar esse lugar de poder, é uma ocupação que exige muita dedicação", afirmou. "E por mais compreensiva que a família seja, ela cobra uma presença maior da mulher". Irenísia salientou que os cursos de ciência dura deveriam ser repensados para abrir mais espaço para mulheres. "São cursos muito áridos, que dão continuidade a essa cultura de que matemática não é para mulher". A professora voltou à questão da segregação horizontal para observar que as áreas consideradas como das mulheres são desvalorizadas. "Chegam a questionar se essas áreas são Ciência. Vai se criando uma hierarquização em vários níveis, com dualidades que não nos servem. O que vai ser atribuído à mulher é desvalorizado, o que vai ser atribuído ao homem é valorizado", criticou.

DANI BALBI: "ESSE BRASIL HOMOGÊNEO NÃO EXISTE"

LIZ MOTA ALMEIDA
comunica@adufjr.org.br

Voz potente sobre o tema da diversidade, a professora da Escola de Comunicação e primeira trans a completar o doutorado pela UFRJ, Dani Balbi participou do Festival do Conhecimento e mostrou que a diversidade ainda está muito distante. "O projeto de exclusão sistemática das demandas reais de conjuntos e segmentos diversos da população vai ao encontro do projeto político e ideológico

vigente", analisou a docente que, no dia 17, participou da mesa "Pandemia: Comunicar a diversidade".

A docente acredita que existe uma narrativa midiática mentirosa sobre um Brasil homogêneo, onde a diversidade é celebrada. "Esse Brasil não existe", criticou.

O Festival tratou o tema da diversidade e do preconceito em várias mesas, como a do dia 21, "Conhecimentos, activismos e subversão do normativo", com Mônica Benício, militante

de Direitos Humanos e ativista LGBT+. "A gente está falando do país que mais mata pessoas trans no mundo. É isso que a gente chama de normal?".

Para Mônica, a subversão à normalidade é uma afronta ao sistema. "Nós, LGBTs, somos lidos pela sociedade como os corpos que são os anormais, fora da norma", contou. "Por si só, a nossa existência é uma afronta às normas da sociedade postas hoje", afirmou.

A ativista é viúva de Marielle Franco, vereadora assassinada

em março de 2018. "Entender o que está por trás do assassinato da Marielle é algo que dialoga muito com o sistema opressor e estrutural/estruturante da nossa sociedade", explicou Mônica. Ela elogiou o Festival pela promoção do debate. "Para que a gente possa compreender que existe um sistema que está colocado em ordem, mas também existe um outro que está querendo fazer uma subversão postas hoje", afirmou.

Drag queen e pessoa com deficiência, a produtora cultural

> Parlamentares e movimentos de defesa da educação conseguiram articular proposta para constitucionalização do fundo e derrotaram projeto do governo

Pressão social foi decisiva para aprovar Fundeb

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A mobilização da educação e da sociedade resultou numa importante vitória: a aprovação do novo Fundeb (Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica) na Câmara dos Deputados. A Proposta de Emenda à Constituição foi aprovada na noite de terça-feira, 21, por 393 votos a 83 – bolsanistas e parlamentares do Novo foram contra o texto final. Antes disso, eles tentaram retirar da PEC 15/2015 o conceito de custo aluno-qualidade, que define padrões mínimos de investimento por estudante para todo o país.

As principais conquistas do novo Fundeb são a sua constitucionalização, que o torna permanente; a definição do custo aluno-qualidade, como medida de padronização da qualidade das escolas em todos os municípios do país; a indicação mínima de 70% das verbas para pagamentos dos salários de profissionais da ativa; e a mudança no modelo de repartição do dinheiro, que agora será distribuído para estados, mas também para municípios que necessitem do financiamento.

Com articulação intensa nos bastidores da Câmara e pressão máxima da sociedade civil nas redes sociais, o Fundo foi votado num dia de muitas idas e vindas de reuniões. A sessão foi acompanhada por mais de 400 mil pessoas ao vivo somente pelo Facebook e Youtube da Câmara. Durante a tarde, centrão e governo tentaram obstruir a votação, mas as articulações em torno do projeto e a audiência da sessão unificaram a absoluta maioria dos partidos em torno do relatório apresentado pela deputada Professora Dorinha (DEM-TO). No texto, a parlamentar defendia a aprovação da

PEC com apenas uma alteração: a mudança de 40% para 20% de investimentos da União no fundo. Hoje, a participação do governo federal é de apenas 10%.

“Entendemos que diante da dura conjuntura, este foi o consenso possível em torno do relatório da deputada”, explicou a professora Maria Eduarda Quiroga, diretora do Sepe Rio, sindicato dos profissionais de educação do estado. “Apesar de a relatora ser do DEM, o comprometimento dela com a educação é bastante significativo e também fruto da nossa pressão política”, afirmou a dirigente.

O próximo desafio é a aprovação do texto sem modificações no Senado. Maria Eduarda acredita que o principal risco é que os recursos também sejam destinados para instituições privadas, principalmente empresas de educação a distância. “Precisamos nos manter mobilizados e articulados para que o dinheiro seja utilizado integralmente na educação pública”.

O líder do governo na Câmara, deputado federal Major Vitor Hugo (PSL-GO), ao se ver isolado na votação em primeiro turno, chegou a tentar capitalizar para o governo Bolsonaro a aprovação do fundo e se colocou a favor do



“É uma imensa vitória da sociedade neste momento histórico tão complexo”

MARGARIDA SALOMÃO
Deputada federal (PT-MG)



“Apesar de a relatora ser do DEM, o comprometimento dela com a educação é bastante significativo e também fruto da nossa pressão política”

MARIA EDUARDA QUIROGA
Diretora do Sepe Rio

texto integral na primeira votação. Mas, menos de três horas depois, no segundo turno, apoiou o destaque do Partido Novo pela retirada do custo aluno-qualidade do texto final e indicou o voto de toda a bancada do partido contra o relatório.

A presidente da AdUFRJ, Eleonora Ziller, lembrou que a conquista é resultado de ampla e longa articulação do setor da educação. “Ela não é fruto da pressão que fizemos no dia, mas de uma mobilização de longo curso. É muito simbólico que a gente tenha imposto a primeira grande derrota pública a Bolsonaro no 15 de maio de 2019. Conseguimos uma ampla unidade, pautamos a educação como uma grande questão nacional a ser protegida e defendida”, avaliou.

De lá para cá, a organização dos setores que defendem a educação foi fortalecida. “A gente tem propostas muito objetivas, ideias muito claras e definidas sobre o que é o Fundeb e qual a sua importância para a educação pública. Por isso, conseguimos a unidade necessária

em torno do tema e cerramos fileiras”, disse Eleonora. “É claro que há um desmonte violento do atual governo em relação à educação, mas a gente também tem conseguido impor limites por conta desta grande articulação”, defendeu a dirigente.

PARLAMENTARES COMEMORAM

Deputados de diferentes partidos celebraram a conquista. “É uma imensa vitória da sociedade neste momento histórico tão complexo”, afirmou a deputada federal Margarida Salomão (PT-MG). Ela e seus colegas de parlamento passaram os últimos dias sendo bombardeados com mensagens em todas as redes sociais e nos e-mails pela aprovação do Fundeb. “A aprovação aconteceu não só por conta da qualidade da proposta, mas principalmente pela pressão da sociedade, que foi decisiva contra as manobras do governo de tentar obstruir a votação”.

O deputado federal Alessandro Molon (PSB-RJ) classificou a vitória como “histórica”. Ele destacou como principais ganhos em relação ao atual modelo de financiamento a destinação de verbas para a educação infantil e a isonomia entre as escolas de todo o país. “A educação infantil é um dos grandes desafios do Brasil. É também uma conquista a busca da qualidade da educação e da equidade, que vão nos ajudar a garantir a igualdade de oportunidades no país”.

“Quero saudar os professores, estudantes, profissionais da área e a todos os parlamentares que lutaram com muita energia pela aprovação da PEC 15”, parabenizou a deputada Alice Portugal (PCdoB-BA). “Entendemos que transformar o Fundeb em um instrumento permanente e constitucional é o maior compromisso que podemos demonstrar com o futuro do nosso país”.

Marcelo Freixo, deputado fe-



“Quero saudar os professores, estudantes, profissionais da área e a todos os parlamentares que lutaram com muita energia pela aprovação da PEC 15”

ALICE PORTUGAL
Deputada (PCdoB-BA)

“A aprovação do Novo Fundeb foi uma vitória da democracia sobre a barbárie. Do futuro sobre o atraso”.

MARCELO FREIXO
Deputado (PSOL-RJ)

deral pelo PSOL-RJ, repudiou a atuação do governo. O presidente chegou a propor a suspensão dos repasses em 2021. “De cada R\$ 100 aplicados na Educação, R\$ 63 vêm do fundo, que responde a mais da metade do orçamento das escolas públicas em nove de cada 10 municípios”, apontou Freixo. “O efeito da proposta do governo seria avassalador para o ensino, milhares de escolas não teriam condições mínimas de funcionamento”, criticou. “A aprovação do Novo Fundeb foi uma vitória da democracia sobre a barbárie. Do futuro sobre o atraso”.

Pesquisadores temem nova redução de bolsas do CNPq

> Chamada da agência modifica critérios de distribuição, sobrecarrega coordenadores dos programas de pós e prejudica Ciências Humanas. Edital sofre críticas da comunidade

LUCAS ABREU
lucas@adufrrj.org.br

Uma chamada do CNPq para concessão de bolsas, divulgada na semana passada, preocupa a comunidade científica. O documento muda regras anteriores e pode representar uma brutal diminuição do número de benefícios aplicados em pesquisa. “Da maneira como o edital está, vai ser uma briga de todo mundo por muito pouco”, disse a pró-reitora de Pós-graduação da UFRJ, professora Denise Freire

Serão disponibilizados R\$ 70 milhões para o financiamento das bolsas com vigência até o segundo semestre deste ano. O problema é que o CNPq não discriminou quantas seriam. O edital, com inscrições abertas até 27 de agosto, apresenta salvaguardas para garantir que os programas mantenham um quantitativo mínimo. Já a comunidade científica desconfia que a suposta proteção pode esconder uma armadilha para redução das bolsas.

Pelo texto, programas com até 10 bolsas mantêm 80% delas; para aqueles com 11 a 20 bolsas, 70% e para aqueles com mais de 20, 60%. Caso a aplicação do percentual de manutenção chegue a um número fracionário, o resultado será arredondado

para o número inteiro imediatamente inferior. “Se o programa de pós-graduação tem apenas uma bolsa, isso significa que ele pode ficar sem nenhuma”, explica Rogério Rosenfeld, coordenador de um grupo de trabalho da SBPC que trata do CNPq.

A agência também determina, na chamada, que as propostas de projetos devem ser apresentadas pelo programa de pós-graduação — e não mais pelo pesquisador, como era antes. A mudança torna o coordenador do curso responsável pelos projetos. O documento ainda inclui como item de avaliação o alinhamento às prioridades do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações, o que deixa para trás as ciências humanas.

O edital fez a sociedade científica reagir. A SBPC escreveu uma carta em que aponta os pontos problemáticos da chamada e faz sugestões para não haver prejuízos aos pesquisadores e programas de pós-graduação. Entre elas, devolver ao pesquisador a possibilidade de fazer a inscrição e tirar do coordenador do programa a responsabilidade pelo projeto.

Também recomenda que a chamada seja reformulada para o primeiro semestre de 2021 e que seja mantido o mecanismo de distribuição de bolsas atual para o segundo semestre de 2020. A entidade defende no mínimo três bolsas por programa e pede

“Não pode existir área prioritária em ciência e tecnologia. Mesmo assim, o governo insiste nessa política. Nós discordamos dela”

DENISE FREIRE
Pró-reitora de Pós-graduação da UFRJ

regras mais claras para os programas novos, que ainda não receberam bolsas. “Propusemos a suspensão desta chamada e uma discussão mais ampla com a sociedade científica da mudança de paradigma que o CNPq quer fazer”, afirmou Rogério.

A Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ prepara um documento para enviar ao CNPq os questionamentos sobre o edital. Um levantamento feito pela PR-2 concluiu que projetos de pesquisa em curso na UFRJ recebem um total de aproximadamente R\$ 35 milhões em bolsas de mestrado e doutorado do CNPq. Se o edital prevê uma alocação de R\$ 70 milhões, haverá um enorme impacto para a pesquisa não só da UFRJ, mas de todo o país. Assim como a SBPC, a PR-2 critica a sobrecarga de trabalho sobre os coordenadores e a falta de clareza quanto ao fomento de novos

programas de pesquisa.

“Estamos em contato com vários coordenadores e pró-reitores pelo Brasil”, contou a pró-reitora Denise Freire. “Vamos abrir um diálogo com o CNPq com essas demandas. Precisamos que o CNPq se comprometa com algumas coisas, como garantir que as bolsas que estão sendo recolhidas sejam repostas pelo edital”, disse.

Para a dirigente, a responsabilidade do coordenador sobre a bolsa gera uma insegurança para o docente. “Se o aluno não defender seu projeto, o professor terá que devolver a bolsa para o CNPq?”, questionou. Denise também criticou a priorização de áreas de pesquisa. “Não pode existir área prioritária em ciência e tecnologia. Mesmo assim, o governo insiste nessa política. Nós discordamos dela”, afirmou.

A Associação de Pós-Graduados da UFRJ endossa as críticas da pró-reitoria. “Ao escolher áreas prioritárias, o edital do CNPq reforça assimetrias na pesquisa. Não existe escala de importância de conhecimento”, disse Kemilly Toledo, coordenadora da APG, que classificou o edital como “confuso” e “tecnicamente muito ruim”.

Ela apontou ainda mais um problema. “O proponente do projeto é o coordenador do programa. Caso ele esteja inadimplente com a Receita, CNPq ou tenha qualquer outra restrição

do tipo, a proposta será indeferida. Todos os pedidos podem ser indeferidos por causa da restrição de um coordenador, o que prejudicaria demais um programa de pós-graduação”, observou.

CAPES

A relação da comunidade acadêmica também segue tensa com outra agência de fomento, a Capes. No começo deste mês, mais de cem coordenadores das Áreas de Avaliação enviaram uma carta à direção do órgão criticando a “excessiva centralização de decisões” e pedindo mais democracia na gestão. Um dos pontos críticos foi a portaria 34, que mudou o critério de distribuição de bolsas, e pode ampliar a desigualdade entre programas de pesquisa. A comunidade científica também está lutando para que a agência reveja os critérios para extensão das bolsas de pesquisa durante o período da pandemia. A Capes concordou com a prorrogação por três meses, mas sem sobreposição de cotas. Ou seja, pesquisadores que entrarem nos programas de pesquisa só vão receber bolsas quando acabar a atual extensão. A APG-UFRJ, em articulação com outras associações, está promovendo uma campanha em defesa dos pesquisadores, solicitando que as agências de fomento revisem suas políticas de prorrogação de bolsas durante o período da pandemia.

SEGUNDA-FEIRA, 27/07 - 10h

AdUFRJ REALIZA

1ª ASSEMBLEIA

VIRTUAL DE PROFESSORES

PAUTAS
Informes

Avaliação da
conjuntura

Eleição de
representantes
para o CONAD

AdUFRJ

Acesso: o link será disponibilizado em nossas redes uma hora antes da assembleia

CAFÉ COM AMIGOS

Um brinde aos 90 anos do mestre das Letras

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

Acaba de completar 90 anos um dos nomes mais queridos da UFRJ: Edwaldo Machado Cafezeiro. O “Café”, para os íntimos. Emérito, ex-diretor da Letras, estudioso da língua portuguesa e do teatro e um dos idealizadores da AdUFRJ. Com enorme capacidade de aglutinar pessoas, participou ativamente da redemocratização da universidade. Com generosidade e bom humor, emociona todos com quem convive até hoje.

Prova disso é que, mesmo em uma celebração virtual no último fim de semana, cada um em sua casa, conforme as orientações das autoridades de Saúde, o “Café” voltou a dar sabor à vida das pessoas. “O momento mais descontraído dessa pandemia, para mim, foi a comemoração do aniversário do Cafezeiro”, afirma a ouviro-geral da UFRJ, Cristina Riche.

A professora conheceu Cafezeiro, nos corredores da antiga Faculdade de Letras, com sede na avenida Chile. Ali, ainda estudante, Cristina começou a acompanhar o professor que era considerado um excelente mestre e comparecia às assembleias comunitárias para discutir os tempos difíceis que o país atravessava, no fim dos anos 70 e início dos 80.

A amizade se estreitou quando se tornou docente, anos depois. A admiração veio junto. “A atuação do Café não está limitada à Faculdade de Letras. Ela se traduz na contribuição para uma universidade inclusiva, a universidade que pretende reconciliar o homem com a sua circunstância. Ou seja, com a natureza, com o meio ambiente, com os outros homens. Ele é um dos artífices da universidade aberta, a universidade de todos e para todos”, diz.

A busca pela ampliação do acesso à universidade tem relação com a própria biografia, no ponto de vista de Marília Cafezeiro, primogênita do primeiro casamento de Cafezeiro. “Meu pai era de uma família muito pobre do interior da Bahia. Teve que trabalhar desde muito jovem para estudar”, conta.

A dedicação à universidade é integral. No momento, o mestre trabalha em um livro sobre lingüística. Não há espaço para passatempos. Mas o mestre tinha uma mania, abandonada por questões de saúde. “Ele costumava ficar andando de um lado pra outro e fumando charuto, enquanto refletia sobre alguma coisa. Na antiga faculdade de Letras, para encontrar meu pai, numa época que não tinha celular, as pessoas iam pelo faro”, brinca Marília.

Naquele endereço da avenida Chile, o professor Clécio Quesado viveu uma experiência inusitada com o nonagenário mestre. “O Cafezeiro foi meu aluno em 1970. Vinha assistir às minhas aulas de paletó e gravata. Eu tinha 25 anos e ele, 40. À época, eu dava aulas de calça boca de sino, cabelo black power, bolsa a tiracolo, sandália”. Tempos depois, já amigos, ao indagar por que ele se vestia assim no curso, veio o esclarecimen-

to: Cafezeiro precisava se apresentar à Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS), toda semana, para responder a processos políticos que acumulava em função da militância no Partido Comunista Brasileiro. “E eu achava que ele era um espião da DOPS na faculdade”, lembra.

Em 1986, Café assumiu a direção da faculdade. O professor João Baptista Vargens, que fez parte da equipe, usa a palavra “generosidade” para resumir a personalidade de Cafezeiro. “Nós abrimos as portas da faculdade para grupos afrobrasileiros. Abrigamos pessoas que foram cassadas pela ditadura, como Joel Rufino e Aderbal Freire Filho”, recorda João. “Montamos, em convênio com a prefeitura do Rio, lonas culturais. Nos finais de semana, o pessoal da Maré vinha dançar dentro da universidade”.

A gestão, com uma inegável preocupação social, também brilhou no meio acadêmico. Em 1987, a universidade sediou o congresso internacional “Discurso e Ideologia”, com grandes nomes do mundo das letras, do Brasil e do exterior.

As atividades se espalharam por todo o campus e mobilizaram três mil pessoas. “A Folha de S. Paulo disse que o Rio voltou para o foco da cultura. E Cafezeiro foi o ‘cabeça’ desse projeto enorme”, relata a professora Christina Motta, que presidiu o evento. “Por causa da posição política e da generosidade pessoal dele, Cafezeiro incluiu todos os departamentos da faculdade em igualdade de condições. Independente do número de docentes, todos tiveram o mesmo espaço no congresso”, conta.

Por pouco, a generosa atuação política de Cafezeiro não chegou à administração central da UFRJ. O mestre candidatou-se a vice-reitor na eleição de 1994. Nelson Souza e Silva, da Faculdade de Medicina, foi o candidato a reitor. “Era um projeto novo de transformação da universidade, para interagir com a sociedade”, diz Nelson. A chapa saiu na frente no primeiro turno, mas acabou superada ao final do pleito.

A parceria com Café continuou no curso de pós-graduação da Cardiologia. “A idéia do curso é pôr os alunos em contato com outras racionalidades, de várias áreas. O Cafezeiro fala muito sobre o discurso. E por que isso é importante para nós? Porque médico e paciente interagem pela fala e esse entendimento facilita as decisões clínicas.

Por isso, trago professores da área de Letras”, explica o docente da Medicina. Nelson conta que foi convencido por Cafezeiro a repensar a avaliação que fazia dos alunos. Em vez de atribuir uma nota pela cobrança de um conteúdo, passou a verificar a performance do estudante na universidade, como ele se comporta com os colegas, o que traz de novo para as aulas. “Do ponto de vista pedagógico, o Café é um revolucionário”, observa.

ATENÇÃO AO ALUNO

O professor Godofredo de Oliveira Neto reforça o cuidado que Cafezeiro defende na relação com o alunado. “Essa concepção de o professor estar a serviço dos alunos é muito importante. Estamos ali graças a eles e por eles. Parece óbvio, mas não é para muitos colegas”, argumenta. Godofredo também valoriza a contribuição de Cafezeiro para a análise da variação lingüística do Português no Brasil. “É um dos grandes estudiosos do tema”.

Além do estudo da variante lingüística brasileira, Cafezeiro domina como poucos a análise da dramaturgia em língua portuguesa. E um fruto dessa linha de pesquisa vai marcar presença nas comemorações do centenário da UFRJ. A professora Carmem Gadelha, casada com ele desde 1988,



ACERVO PESSOAL

CAFEZEIRO recebeu o título de professor emérito em dezembro de 2002, durante a gestão de Carlos Lessa

informa que o livro que escreveram juntos — História do Teatro Brasileiro, de 1996 — será reeditado, online, como parte das festividades da universidade.

De Cafezeiro partiu a semente da criação do curso de Direção Teatral, que funciona na Escola de Comunicação desde 1994. “Ele sempre falava que a UFRJ não podia deixar de ter uma participação na vida teatral do Rio”, diz Carmem. “Aprendi muito com o Café, embora nunca tenha sido aluna dele. Além da formação extraordinária, ele tem uma generosidade intelectual notável. É uma parceria muito prazerosa”.

O intelectual Cafezeiro nunca separou o conhecimento da prática. Quando ocorreu a Revolução Cubana, o jovem Café não pensou duas vezes: partiu para o país caribenho e participou do programa de alfabetização. “Ele me deu de presente uma bandeira com o dístico ‘território livre de analfabetismo’, que guardou por muitos anos. É uma vida rica de experiências, de muitas lutas”.

Outra paixão do professor é a associação docente. “O Café foi um militante muito fervoroso da AdUFRJ”. A professora vai além. “O Café é não só um dos fundadores da Adufjr, mas certamente uma das primeiras pessoas que definiram a idéia de que os professores precisavam ter um organismo representativo”, explica. A irreverência, outra característica do mestre, também acompanhou esta história. “Houve uma manifestação no Centro em que ele foi coberto de adesivos, enquanto fumava seu charuto, distribuindo panfletos de uma greve”.

Atual presidente da AdUFRJ, a professora Eleonora Ziller derrama elogios ao antigo mestre. “Fui aluna dele na Letras, ainda na avenida Chile em 1983. As aulas eram maravilhosas. De um grande estudioso da história da língua portuguesa”, disse. Outros ensinamentos foram compartilhados fora das salas da faculdade: “Ele é um ícone da esquerda na UFRJ. E sempre foi muito generoso, politicamente e academicamente”, afirmou. “Tinha muita tolerância às opiniões diferentes. Aprendi muito com ele e com Samira (Mesquita – ex-decana do Centro de Letras e Artes)”, completou.

Cercado de carinho por todos os lados, o mestre só tem a agradecer. “Eu me sinto feliz. Sempre me senti”. Questionado se havia algum feito do qual mais se orgulhava nesta longa trajetória política e acadêmica, Café rejeita qualquer personalismo. “Os amigos todos me ajudaram”, conclui.

DEPOIMENTOS

COM O CAFÉ comunguei e aprendi sobretudo um conjunto de contumaz persistência e sóbrio humor baiano. Isso aliado à generosidade do mais cristão comunista que já conheci. Em qualquer situação adversa, sempre insistia que tudo iria dar certo e dizia para irmos em frente. Também foi sempre pródigo em se desdobrar no apoio e incentivo a qualquer causa que fosse em prol do crescimento individual e do bem coletivo dentro do seu pleno ideal de liberdade e de democracia. Além de um exemplo de vida, Cafezeiro é, na nossa Universidade, quase uma lenda viva.

Clécio Quesado (Letras/UFRJ)

NO PRÓXIMO ANO, 2021, completarei 50 anos no quadro social da UFRJ, como estudante e aluno. Durante esse relativamente longo período, conheci pessoas muito importantes que muito contribuíram para minha formação. Foram tantas que não consigo enumerá-las. Entretanto, Edwaldo Machado Cafezeiro, o nosso Café, vem sendo uma figura singular. Ele me ensinou que o rigor à ciência, o zelo pela administração, o compromisso com o ensino público e de qualidade, a flexibilidade na sala de aula e os sólidos princípios políticos são o único caminho para a tentativa de formarmos pessoas íntegras, capazes de transformar e de tornar a sociedade mais justa. Fiquei muito honrado e feliz por ter sido o escolhido para, na solenidade de sua Emergência, proferir o discurso de saudação. Procuo uma só palavra para traduzir a multiplicidade que é o Café... Encontro-a: GENEROSIDADE.

João Baptista Vargens (Letras/UFRJ)

Conversa do Café, em seu gabinete, com um aluno preconceituoso em todos os quadrantes que gostava de se impor á força nas salas e nos corredores da Letras. O aluno saiu cabisbaixo e mudou completamente o seu comportamento. (texto que rabisquei, à época, quando trabalhei durante três anos com o Cafezeiro na direção da Faculdade de Letras. Transpus os rabiscos depois para um dos meus romances, com a liberdade poética da ficção).

ESTA FACULDADE DE LETRAS não é lugar para exercer a sua individualidade à custa dos outros. É uma instituição onde se aprende a ser cidadão, o que significa, justamente, levar em consideração os outros, sempre. É por aí o caminho para um Brasil mais justo e mais democrático. A fraternidade e o desejo de conhecimento do mundo dos outros que existem dentro de cada um de nós têm que ser realçados, e não sufocados. Para isso a escola, para isso a Faculdade de Letras, no nosso caso. Para isso estudar Literatura, Graciliano, Rosa, Machado, Vianinha, Camões, estudar variação na Língua Portuguesa, Línguas e Literaturas estrangeiras, Letras Clássicas entre outras áreas da nossa Unidade Acadêmica. Sei que você, como aluno, me compreende e conto com a sua ajuda. O saber deve auxiliar na emancipação e na melhoria da vida da gente como um todo e não servir de instrumento para a dominação de uns sobre os outros. O conhecimento que a Universidade em geral e a Faculdade de Letras em particular produzem têm um raio de ação universal e exerce um papel social. A Faculdade de Letras e a UFRJ tem desde a sua fundação um compromisso social. O conhecimento é libertação. Libertação da fome, da exclusão, do sofrimento, da injustiça social. Você como aluno é o receptor e o emissor principal de tudo o que se ensina, pensa e produz aqui. Conto com você.

Godofredo de Oliveira Neto (Letras/UFRJ)



O PROFESSOR comemorou aniversário com os colegas pela web